

Documento de Registro de Entrevista para o site de MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Joaquim Dias Júnior

**Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon
Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu
Mirassol/SP**

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral temática

Entrevistadora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Instituição: Etec Professor Matheus Leite de Abreu

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A entrevista foi realizada com o professor Joaquim Dias Júnior, formado em Engenharia Agrônômica pela “Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista” e Especialista em “Nutrição Mineral de Plantas e Agricultura Orgânica”. Ingressou em 1987 como professor de disciplinas técnicas na Etec, onde também trabalhou como Coordenador da área técnica e cooperativa. O registro histórico dessa entrevista contribuiu para enriquecer o programa “História oral na educação” proposto para o GEPEMHEP do Centro Paula Souza, como também para o projeto "Catalogação dos artefatos na história da educação profissional do Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon da Etec Professor Matheus Leite de Abreu" (inventário, fotografias e máscaras de objetos), elaborado para o ano de 2021.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Local da entrevista: Online pela Plataforma Teams

Data: 23 de junho de 2021

Duração: 19 minutos e 21 segundos

Número de vídeos: um

Transcritores: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Número de páginas: 9

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi realizada em junho de 2021, no contexto para elaboração do artigo “As conquistas de alunos empreendedores mediante a formação no curso Técnico em Agropecuária da Etec Professor Matheus Leite de Abreu (1988 a 1990)”, com o professor Joaquim Dias Júnior, por este participar ativamente do processo de ensino do Curso Técnico em Agropecuária, fornecendo dados para a sua materialização histórica, além de enriquecer os projetos elaborados para o ano de 2021: “História oral na educação: de profissionais a empreendedores” proposto como projeto coletivo para o GEPEMHEP do Centro Paula Souza, e “Catalogação dos artefatos na história da educação profissional do Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon da Etec Professor Matheus Leite de Abreu”.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 19 de julho a 10 de agosto de 2021

Nome da transcritora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Sueli Mara Oliani Oliveira Silva (SMOOS): Iniciando a gravação. Entrevista de História oral com o professor Joaquim Dias Júnior, no dia 23 de junho de 2021, para o Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon da Etec Professor Matheus Leite de Abreu, em Mirassol, São Paulo. É com grande satisfação que realizamos essa entrevista! Bom dia, professor Joaquim!

Joaquim Dias Júnior (JDJ): Bom dia, bom dia Sueli! Tudo bom?

SMOOS: Tudo bem! Peço que relate um pouco de sua vida, a cidade natal e a família.

JDJ: Primeiro é uma satisfação estar aqui concedendo essa entrevista para você, para o Centro de Memórias, e elogiar o trabalho bonito, trabalho bacana de resgate e de memória, que a gente precisa para guardar, para as gerações futuras. Olha, eu sou Engenheiro Agrônomo, sou natural de São José do Rio Preto. Moro e natural em São José do Rio Preto, certo? Sou casado também com uma professora que exerce cargo de coordenação atualmente no município e tenho dois filhos, a Lenora de 24 e o Lorenzo de 15, minhas joias raras, preciosas!

SMOOS: Certo! Sobre a sua formação profissional, você se formou onde?

JDJ: Então, eu cursei a faculdade de Agronomia de Paraguaçu Paulista, né? Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista, eu me formei em..., eu entrei em 83, e me formei em 87, certo? De Engenheiro Agrônomo que era sempre o sonho da minha vida mesmo, se eu tivesse que fazer faculdade, faria novamente de Agronomia, e desde que me entendo por gente eu sempre quis algo ligado à área agrícola, agrícola, vegetal e animal. Desde criança eu gostei e foi isso, eu nunca tive outra pretensão de fazer outro curso, ou outra faculdade, faria de novo Agronomia, que é uma área que me identifico bastante. Aí dentro disso, eu tenho

várias especializações, que a gente vai fazendo para complementar, várias especializações, em Nutrição, em Meio Ambiente, várias áreas que a gente complementa e eu também me especializei em Agricultura Orgânica. Paralelo à escola, eu presto serviço para o SENAR, que é Serviço Nacional da Aprendizagem Rural, já por mais ou menos uns 20 anos, onde eu faço cursos de capacitação e formação profissional para agricultores, na área de olericultura orgânica, ou seja, na área do sistema orgânico, que é uma área que eu tenho atuado bastante, bastante forte nessa área, e eu trabalho também junto com os meninos da agrícola do projeto orgânico, né, que é pra enriquecer, trazer mais, é uma área em que realmente as informações eram poucas, né, quase não divulgadas hoje, ela não é novidade, ela já é antiga, mas a divulgação do sistema era pouco, então eu preciso trazer, e levo isso para os agricultores e trago para os meninos também da escola.

SMOOS: Que bom! Quando começou seu trabalho como professor da nossa escola?

JDJ: Então, eu me formei em 87, em julho de 87. Na época, meu pai mexia, nós tínhamos granja de suíno, granja de porco e a minha vontade era sair de Rio Preto, trabalhar em empresas. A gente imaginava assim trabalhar em multinacionais, que era o grande filão na época para os agrônomos que formavam naquela época, porém meu pai quis que eu ficasse pra ajudá-lo, que eu precisava ajudar no manejo com os animais. Nós tínhamos animais em duas propriedades, uma aqui em Rio Preto, e em Guapiaçu, e aí eu fiquei para ajudá-lo, no manejo disso. Ele não quis que eu fosse embora, e aí foi um amigo meu, que trabalhava na Escola Agrícola de Monte Aprazível, convidaram ele para pegar algumas aulas, né, para substituir uma licença médica, de uma grande amiga, uma grande professora, que a escola teve que foi a professora Inês Bernardi, e eu fui. Eu falei: - não, não, não sei se quero isso não! Pelo amor de Deus! Eu não sei dar aula! Eu era muito molecão né, então, o que é isso? E aí, então, ele insistiu, aí a diretora insistia com ele, que ele era daqui de Rio Preto, mas dava aula em Monte. Aí ele falou: - vai lá, pega, que eles estão sem professor! É fácil, não é tão assim não. Fui lá, conversei com a diretora que tinha na época, a dona Edna e aí ela me explicou como foi, era para substituir durante dois meses né, e eu me formei em julho, já entrei logo em setembro, agosto e setembro, molecão novo, recém-formado, para substituir a professora Inês que era uma, que é uma grande professora, uma grande mestra né, uma pessoa muito inteligente, muito competente e aí foi. Fui lá substituir esses dois meses morrendo de medo, estudando dia e noite para poder dar aula, por que você pegar o barco na metade, novo, os alunos eram bem mais velhos, e substituir uma professora de peso, foi assim, foi punk, foi bastante, e aí assim me dediquei bastante. Foi bastante para tentar fazer o meu melhor, mas não queria ficar na escola. Mas aí a diretora gostou, fez cobrir essa licença, e no ano seguinte, a diretora me chamou para pegar apenas algumas aulinhas, então eu tinha um vínculo muito pequeno. Mas não tinha esperança nenhuma em ficar na escola, e aí novamente, fui substituindo outros professores, que foram tendo alguma coisa momentânea, ela foi me chamando, foi gostando do meu trabalho, então, estou aí hoje a 32 anos, risos. Está na veia, o vírus que pegou na veia, risos, de quem não queria ficar. Mas eu gosto tanto da escola, gosto tanto do meu trabalho, da minha atividade, desse processo de estar junto com a meninada, que eu fui aprendendo a fazer isso. Fui aprendendo as técnicas, fui aprendendo a didática, o lidar com a meninada, com a molecada, mesmo aposentado que estou, eu continuo trabalhando e vou continuar durante muito tempo. Essa aí foi a minha história lá do começo, então na realidade eu conto minha história, a partir de 88, bem no comecinho dos dois meses de 87 sim. Mas 88, dali pra frente foram, até os dias de hoje sem interrupção. Eu também atuei na escola como, com várias frentes, como Coordenador de área, logo quando começou a coordenação de área, fiquei durante um bom período, uma experiência bastante válida, também fui Coordenador da Cooperativa. Foi bastante válido, a gente colocar bastante a casa em ordem para entender como funcionava o processo, e toda alimentação, toda da meninada, todos os materiais que eram adquiridos e vendidos da escola tinham que passar pela cooperativa, também foi uma experiência bastante gratificante e também pelo sucesso que teve, do andamento do processo da escola foi muito bacana, e

outras coisitas lá da escola, atuando em tudo quanto é frente, tudo quanto é coisa que tinha, todos participando de todos os eventos, festas, nossa de todas, que é muito bacana, é o envolver com escola com os meninos né, Sueli? A gente acaba fazendo várias coisas que hoje não saberia te falar, mas são tantas festas, comemorações, confraternizações, eventos, tamó aí!

SMOOS: Sim, basicamente as disciplinas da agricultura? E os projetos também?

JDJ: Isso! Eu logo no começo, eu optei por estar trabalhando, logo no começo com a Suinocultura que a gente mexia muito, tínhamos a granja trabalhava direto, eu também peguei na área animal, eu peguei, ministrei aulas de suinocultura também na escola, durante muitos anos, tive a substituição do professor Osmar que na época era o professor da área e aí eu peguei, foram oferecidas, as pessoas não gostavam muito dessa área e eu gostava, entendia porque já trabalhava e aí fiquei durante muitos anos com suinocultura, que foi a minha parte animal mais forte foi essa área, e as outras áreas na parte vegetal, então eu já peguei todas as partes de culturas anuais, culturas permanentes e hoje atuo bastante na parte de culturas olerícolas, que são as culturas de horta, então e também agora agricultura orgânica, então a minha parte de atuação é mais na parte agrícola mesmo, parte vegetal.

SMOOS: Sim, para esse ano de 2021 estou realizando entrevistas de história oral com os alunos que se formaram em 1990, o Alessandro Gardner e o Rodrigo Breda e você foi muito citado nessas duas entrevistas de história oral, você poderia nos contar suas lembranças desse período?

JDJ: Nossa, Sueli, bastante assim! É muito gratificante, porque esses meninos basicamente entraram junto comigo em 88.

SMOOS: Isso!

JDJ: Eles são a minha primeira turma, eles formaram em 90, é a primeira turma que eu formei, e eu tenho lógico por todos, mas eu tenho um carinho grande pela turma e eu lembro Sueli, do nome e apelido de todos eles. Era uma turma grande não tinha nenhuma menina, era só meninos, e eu era meninão da idade deles basicamente, sou quase bem próximo a um ano, dois anos mais velho né, e assim a gente foi muito bacana, o contato com eles, a amizade e o respeito que eles tinham mesmo a gente fazendo muitas brincadeiras, muitas gozações. Mas na hora do vamos ver, na hora do sério, certo? A aula é aula, eles separavam muito bem, eles têm, eles tinham um respeito muito grande, queriam aprender e eu então me dedicava mais a eles, estudava mais ainda, para poder estar à altura, então foi assim um desafio, eu falo que eles foram a minha grande mola propulsora, sabe? Para me dedicar mais, estudar bastante e eu chegava da escola, estudava de tarde, de noite, procurava profissionais para me ensinar coisas, para poder estar atualizado e estar lá, e foi muito bacana. Então eu participava com esses meninos, a gente participava de festas, festas de peão e eles sabiam separar muito bem, sabe? O Kim professor e o Kim amigo, então e até hoje, tanto que até hoje nós temos um grupo de zapp zapp, que todos os dias a gente se fala. Já fizeram vários encontros que só vão eles, não vão família, não vão mulher, filhos, nada, são só eles e você veja são pessoas tudo, por volta dos seus 50 anos, 50 e poucos anos, mas é a mesma coisa de quando eles estavam lá na agrícola, e eu participo dessas confraternizações, eles fazem questão de me chamar para participar. Eu e o outro professor que não está mais na agrícola que é o Flávio Bigaran, mas desde o começo eu participo com eles, eles fazem geralmente aqui em Mirassol esses encontros. Infelizmente, faz dois anos que não tem por causa da pandemia, mas o ano que vem de todo jeito vai sair. Então eu tenho uma recordação muito grande de como esses meninos foram importantes, essa primeira turma, todos os outros, não desconsidero ninguém, mas essa foi a primeira, né, e quanto eles me estimularam a crescer profissionalmente, a crescer como pessoa e assim ajudei os muito na parte, eles reconhecem,

na parte técnica, na aquisição de conhecimento e eu tenho um carinho muito grande, que nem o Alessandro o Gardner, o Bredinha, o Rodrigo Breda, que são meninos que dentre todos os outros são meninos fantásticos, que eu vejo o sucesso deles, e de vários outros, por eles terem estado na escola, por terem passado pela escola, então eles tem um reconhecimento, muitos deles já fizeram até a faculdade, outros cursos, saíram às vezes até da área. Mas eles reconhecem que tudo que eles são, eles devem ao período que eles passaram pela escola, essa experiência deles terem estado na Matheus Leite de Abreu, eles não esquecem tanto que eles vivenciam isso nos encontros como se fossem aqueles meninos, aquelas molecadinha nova lá de 30 anos atrás, de tão marcante que ficou na vida deles isso, e eu fico feliz de ter feito parte disso, deles da minha e eu ter feito da deles, e hoje eles serem grandes profissionais, estarem muito bem no mercado de trabalho, na área agrícola ou não na área agrícola, mas que tudo foi muito importante, a passagem, de estar, a vivência com a gente lá na escola foi muito produtivo, e muito importante na vida deles, isso pra mim é o que ele sabe Sueli, que todas assim todas as vezes que eu tenho problemas todo mundo tem, mas eu passo e paro para pensar nessas coisas boas, nos momentos legais que existiram com essa turma com outras também, com certeza, isso ergue a cabeça e vai embora, porque isso vale a pena, por isso eu não quero sair de sala de aula, eu gosto de sala de aula, esse contato com a meninada.

SMOOS: Sim, com certeza, Kim! Com certeza! Nós já estamos encerrando a nossa entrevista e eu gostaria que você deixasse uma mensagem para gente.

JDJ: Olha é difícil, mas vamos lá! Olha Sueli, é com grande satisfação que concedo essa entrevista, tá. Para mim, é um orgulho muito grande trabalhar na escola agrícola, tá. É um orgulho muito grande ser professor, sem falsa modéstia, mas é um orgulho muito grande ser professor, trabalhar com esses alunos, eu gosto, tá. Este processo eu gosto! Então, assim, o recado é, eu torço que as aulas retornem o mais rápido possível, porque essa, nós estamos fazendo todo esforço agora aqui nessa on-line, até aprendendo a trabalhar com essa ferramenta, porém eu sempre falo que o contato físico com o aluno ali na horta, ali debaixo da árvore, ali sentado na enxada ou ali no campo, este contato físico é muito importante para eles tá? Então esse crescimento que se dá desses meninos, essa transformação de idade, pois eles entram muito jovens, adolescentes, né? E a gente ajuda em muitas, no crescimento deles em muitas outras áreas, não só do crescimento técnico, na aquisição de conhecimento, mas na transformação da vida desses meninos e meninas. Então a mensagem: - que eu quero voltar o mais rápido possível, eu quero estar presente trabalhando, lá trabalhando essa meninada, que eu sei que eles precisam para ter esta formação, como tantos outros tiveram, né, que a gente citou aqui do Breda e do Gardner, mais de tantos outros por que tiveram essa vivência, esse contato extremamente importante, na minha concepção.

SMOOS: E que essa pandemia está nos tirando, né, mas acredito que tudo vai voltar ao normal.

JDJ: Sim, se Deus quiser, Sueli, se Deus quiser, eu falo que foi roubado desses meninos, foi roubado, essa fase que eles, não só do conhecimento técnico, Sueli, também, muito, mais essa vivência, esse crescimento que não tem jeito pelo computador, não tem jeito tem que estar lá tête-à-tête, tem que estar junto com a gente é que eu falo eles, todos os momentos na sala de aula e no campo que nada substitui isso, isso é muito importante para o desenvolvimento e crescimento social, psicológico e educacional desses meninos e meninas.

SMOOS: Agradeço professor Joaquim, imensamente a oportunidade de entrevistá-lo.

JDJ: Eu que te agradeço! Imagina! Eu que te agradeço! Espero poder ajudar, contar aí um pouquinho da minha história, contribuir, eu que te agradeço bastante o convite pela entrevista.

SMOOS: Muito obrigada e encerrando a nossa entrevista!

JDJ: Obrigado, um abraço Sueli.

SMOOS: Um abraço!

Descritores

História oral na educação

Escola Agrícola

Etec Professor Matheus Leite de Abreu

Escola Agrícola de Monte Aprazível

Professor Técnico

Curso Técnico

Agropecuária

Agronomia

Nutrição

Agricultura Orgânica

Meio Ambiente

Granja de Suínos

SENAR

Serviço Nacional da Aprendizagem Rural,

Engenharia Agrônômica

Carreira profissional

Coordenador de Área

Coordenador da Cooperativa

Registro histórico

Percurso histórico

Joaquim Dias Junior

Inês Bernardi

Flávio Bigaran

Alessandro o Gardner

Rodrigo Breda

Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Centro de Memória

Dados Biográficos do Entrevistado



Joaquim Dias Junior. Nascido em 13 de junho de 1965 na cidade de São José do Rio Preto, São Paulo. Filho de Joaquim Dias e Arminda Marques Dias. Casado com Mariângela Floriano Dias, pais de Lenora Floriano Dias e Lorenzo Floriano Dias. Formado em 1987 pela “Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista” em Engenheiro Agrônomo, e Especialização em “Nutrição Mineral de Plantas e Agricultura Orgânica”. Instrutor do SENAR e professor de disciplinas técnicas na Etec Professor Matheus Leite de Abreu.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Sueli Mara Oliani Oliveira Silva. Licenciada em Educação Artística (PUC-Campinas, 1989). Licenciada em Pedagogia (Uniuibe, 2009). Atualização “Programa Gestão Escolar e Tecnologias” (PUC-SP, 2009). Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de Artes “Lato Sensu” (Barão de Mauá, 2013). Professora da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1990 a 2018). Professora de Artes da Etec Professor Matheus Leite de Abreu (1994 a 1996, 1998 a 2020) e da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (1999 a 2020). Coordenadora do Ensino Médio e Pedagógica na Etec Professor Matheus Leite de Abreu (2004 a 2012).

Participa do GEPEMHEP, desenvolvendo estudos e pesquisas sobre a memória e história da educação profissional e tecnológica (2012 a 2021). Curadora do Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon (2015 a 2021). Artigo publicado: “Metalografia: base conceitual de Colpaert como referência teórica e prática no curso de Mecânica” (2015). Trabalhos apresentados no Centro Paula Souza, São Paulo: “Resgatando a História do Philadelpho – Escola Artesanal” (2012); “Estudo dos objetos científicos e tecnológicos do curso técnico em Agropecuária do acervo do Centro de Memória da Etec Professor Matheus Leite de Abreu no período de 1970 a 2015” (2016); “O teodolito ótico mecânico como ferramenta da topografia no curso Técnico em Agropecuária de 1970 a 2014” (2017), “Narrativa sobre a historiografia e as práticas de registro de artefatos no Centro de Memória da Etec Professor Matheus Leite de Abreu” (2018) e “Arquitetura escolar e a história das instalações agrícolas da Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu de 1965 a 2019” (2019).

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Joaquim Dias Jr.

Termo de Autorização para uso de Imagem de Joaquim Dias Jr.